

A clava da Justiça, horizonte a horizonte,  
Da Sublime Harmonia é sempre a Eterna Fonte,  
11 Seja no peito em flor, seja no peito em chaga.

A todo fel da estrada estende a paz em troca,  
Segue, antigo viajor, para Deus que te avoca,  
À luz do Excelso Amor que toda a sombra esmaga!...



LUÍS DELFINO dos Santos \*



HOSPITAL

Hospital! Praia viva dos efeitos,  
És o foro das causas esquecidas,  
Reduto generoso de mil vidas,  
No espinheiral dos trilhos imperfeitos.

Incompreendida dor! Benditos leitos!  
Ninho-prisão de loucos e suicidas  
Dantes livres nas largas avenidas  
Do egoísmo e do orgulho, vis e estreitos.

lhante conferência sob o título «Martins Júnior e a poesia científica». (Recife, Pernambuco, 24 de Novembro de 1860 — Rio de Janeiro, Gb, 22 de Agosto de 1904.)

BIBLIOGRAFIA: *Visões de Hoje*; *Estilhaços*; *Tela Policroma*; e numerosas obras de Direito.

3. Conquanto correto este alexandrino, pode, contudo, ser lido com acentuação na 4<sup>a</sup>, 8<sup>a</sup> e 12<sup>a</sup> sílabas, como no 5<sup>o</sup> verso do poema "Morta-Viva", de *Tela Policroma* (*apud Supl. Lit. do Jorn. do Com.*, 19-3-61):

"En/quan/to eu/ vou/ mor/ren/do à/ min/gua/ de/tu'/al/ma."  
1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11 12

5-11. Observem-se dois casos de epímone: "Sê prudente, sé bom, sé puro, viandante!" e "Seja no peito em flor, seja no peito em chaga." (Veja-se Geir Campos, N. Cl. nº 32, nota 85, pág. 26.)

(\*) Médico, LD soube, desde cedo, servir-se dos pequenos lazeres da clínica para escrever os magistrais sonetos da sua obra imponente, na qual conseguiu refletir «os três movimentos poéticos do século: o romantismo, o parnasianismo e o simbolismo». Seu filho, Tomás Delfino, já desencarnado, coligiu em vários livros a obra imensa de LD, deixada esparsa em jornais e revistas. «Era um poeta abundante,» — confirma-o Manuel Bandeira — «e tanto podia espraiar-se longamente em li-

Em teu regaço, as lágrimas são hinos...  
Alguém te vela o clima, atento e mudo:  
O médico no leme dos destinos...

Dá-nos, templo da angústia transitória,  
O florão da humildade por escudo,  
14 O laurel do trabalho por vitória!...



João DAMASCENO VIEIRA Fernandes \*



A V A N T E !

Peregrino da vida e da morte oriundo,  
2 Avança do nascer ao pôr do Sol, durante  
A evolução sem fim nos carreiros do mundo,  
Pela ronda do tempo, a ressurgir constante.

Das sombras da maldade à luz do bem fecundo,  
Das ruínas morais ao triunfo pujante,  
Aprende pouco a pouco e, segundo a segundo,  
8 Ergue em tudo, a ti mesmo, o teu grito de — avante!

rismos condoreiros, como sabia limitar-se lapidarmente num soneto.» (Apud LD, Arcos de Triunfo, pág. 29). (Florianópolis, Santa Catarina, 25 de Agosto de 1834 — Rio de Janeiro, Gb, 31 de Janeiro de 1910.)

BIBLIOGRAFIA: Algas e Musgos; Poemas; Poesias Líricas; etc.

14. Admirável soneto, digno de um médico-poeta.

(\*) Poeta, jornalista, crítico literário, dramaturgo, historiador. Patrono da cadeira nº 17 da extinta Academia Riograndense de Letras, colaborou ativamente na revista do Pártenon Literário, do qual fazia parte, e em várias publicações periódicas, dentre elas, *Álbum do Domingo*, *O Mosquito*, *Lusitano*. Sócio do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro e do congénere da Bahia. Gozou de grande prestígio como poeta, e «a sua poesia da última fase é no geral simples, sem distorções, direta, a par de calorosamente humana e fraterna» (Guilhermino César, in His-